

Hora de deixar o BC

A reforma da legislação cambial pode ter sido a última missão do diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central (BC), Alexandre Schwartsman, no governo. Insatisfeito com a perda de poder de sua diretoria, Schwartsman não faz segredo de que quer deixar o posto. Em setembro do ano passado, ele comunicou a intenção de sair ao presidente do BC, Henrique Meirelles, insatisfeito com a decisão da transferência das operações de captação externa para a Secretaria do Tesouro Nacional, no início do ano.

Na visão do diretor, que deixa clara a assessores mais próximos e a colegas no BC, a diretoria ficou esvaziada depois que a atribuição de emitir bônus no mercado externo passou para o Tesouro. Embora a transferência estivesse acertada desde o governo passado, a mudança nunca havia sido feita por resistência no BC. No novo governo, o secretário do Tesouro, Joaquim Levy, conseguiu viabilizá-la. Levy e a diretoria do BC frequentemente divergem — até agora, o secretário tem ganho as batalhas internas. Na avaliação de Schwartsman, sobrou pouco para fazer a

não ser a mudança no câmbio, consolidada ontem.

Ao mesmo tempo em que fechou brechas para lavagem de dinheiro, as mudanças anunciadas no câmbio e nas regras das contas CC5 podem abrir as portas para a repatriação de dinheiro ao país. Analistas de mercado especulam que as novas normas podem ser um primeiro passo para que o governo autorize, sem a cobrança de impostos ou penalidades, a volta dos recursos de brasileiros que foram remetidos ao exterior nos momentos de crise econômica ou instabilidade política. Boa parte desses recursos, estimados em mais de US\$ 100 bilhões, tem origem ilícita e foram enviadas de forma irregular pelas próprias contas CC5.

“Por mais que o governo evite falar sobre o assunto, há sinais implícitos de que ele vai anistiar a repatriação de recursos. Pode não acontecer no curto prazo, mas a tendência de anistia para esse capital é bem possível de se confirmar, com um impacto importante na cotação do dólar”, afirmou o economista-chefe da Arbor Gestão de Recursos, Guilherme Fernandes (VN e RA).